

RELAÇÃO PROFESSOR- ALUNO: A IMPORTÂNCIA DA AFETIVIDADE NO CONTEXTO EDUCATIVO NA VISÃO DOCENTE

ARIANE FERNANDA NUNES¹, JOÃO CARLOS PEREIRA DE MORAES².

¹ Licenciada em Pedagogia pela Faculdade Estácio de Sá de Ourinhos (FAESO). arianef_nunes@hotmail.com

² Doutor em Educação pela Universidade de São Paulo (USP), na linha de pesquisa de Ensino da Ciência e Matemática. joaocarlos_pmoraes@yahoo.com.br

RESUMO

A afetividade está presente desde as primeiras manifestações da existência humana. Desde o nascimento, a criança engendra-se numa busca constante de interação e adaptação ao mundo em que vive e para isso utiliza de mecanismos primeiramente físicos, corporais, para mais tarde desenvolver outros, essencialmente psíquicos. Os aspectos afetivos positivos que permeiam as relações sociais estabelecidas entre a criança e o adulto determinam a construção de identidade e o valor que a criança dá a si mesmo. As experiências vivenciadas com alto nível de consciência, motivadas pelo prazer da descoberta e permeadas pela afetividade garantem uma riqueza de significados por toda a vida. No contexto escolar, tais relações ampliam-se num nível dinâmico e diversificado, exigindo que a criança esteja num constante processo de readaptação e assimilação sobre o sentido e a forma como acontecem as coisas em sua volta. A construção da linguagem oral permite à criança expressar suas ideias e sentimentos em relação ao mundo e às pessoas com quem convive. Neste trabalho, o papel do educador é apresentado como um facilitador da compreensão do mundo, possibilitando à criança dar significado às suas próprias descobertas. A Afetividade vivenciada em relações sociais positivas, valida as experiências humanas em busca do conhecimento. Os objetivos da pesquisa centraram-se em identificar a relação da afetividade com o sucesso de uma aprendizagem. Por meio de questionários procurou-se conhecer as concepções dos educadores sobre a importância da afetividade na aprendizagem escolar e identificar características afetivas nas suas práticas docentes. Os resultados demonstraram que os professores têm consciência da importância da afetividade nas relações estabelecidas num processo educativo e que uma das formas mais gerais de demonstrá-la é por meio do respeito, diálogo e interação com a criança-aluno. Diante dos resultados do trabalho, busca-se uma conscientização e discernimento de que a afetividade pode e deve ser manifestada num ambiente escolar a fim de que se torne o elemento intermediador entre a criança e o adulto que a acompanha em seu desenvolvimento.

Palavras-chave: Afetividade. Relação Social. Interação. Autoestima. Aprendizagem Significativa.

PRINCIPLE OF INSIGNIFICANCE AND LEGAL GOODS: A PATH BETWEEN THE CRIMINAL AND TAX LAWS

ABSTRACT

The affectiveness is present since the earliest manifestations of human existence. From birth, children are engendered in a constant search for interaction and adaptation to the world they live, making use primarily of bodily, physical mechanisms, and later they develop other essentially psychological ones. The positive affective aspects that permeate the social relations between children and adults determine the construction of the identity and the value that children give to themselves. The experiences with high level of consciousness, motivated by the pleasure of discovery and full of affectiveness ensure a wealth of meaning for life. In the school context, these relationships extend to a varied and dynamic level, demanding from the children, a constant readaptation process about the sense, the meaning and the way things happen around them. The growing development and acquisition of the oral language allow the children to express their ideas and feelings about the world and the people they live with. In this work, the role of the educator is to mediate the subjects concerned the world comprehension, enabling the own children's interpretation of their new life experiences. The affectiveness experienced in wealthy social relations makes the human experiences to achieve knowledge worthy. The objectives of this research focused on identifying the relation between affectiveness and the success of learning. Through questionnaires sought to ascertain the views of educators on the importance of affectiveness in school learning process and to identify affective characteristics on their teaching practices. The results showed that teachers are aware of the importance of affection in the relationships established in the educational process and the common ways to demonstrate affection are through respect, dialogue and interaction with the child-student. From the results of this work, it can be inferred that affectiveness can and also should be present in a school environment so that becomes the bonding element between the child and the educator who is in charge of supervising their development.

Keywords: Affectiveness. Social Relations. Interaction. Self. Learning Significant.

1 INTRODUÇÃO

A afetividade é a mistura de diversos sentimentos, como: amor, motivação, ciúme, raiva, entre outros. Aprender a cuidar adequadamente de todos nas emoções é que vai proporcionar ao sujeito uma vida emocional plena e equilibrada. A criança, seja em casa ou na escola, está se constituindo como ser humano, através de suas experiências com o outro, isto é, através das suas relações afetivas.

Nesse sentido, a relação afetiva entre professor e aluno traz elementos pertinentes para pensar no processo ensino-aprendizagem. É preciso que o docente traga metas claras e realistas para os educandos, levando-os a realizar atividades desafiadoras com vontade e satisfação. Com isso, a afetividade na educação constitui num importante campo de conhecimento que deve ser explorado pelos professores desde os anos iniciais, uma vez que, por meio dela, podemos compreender a razão do comportamento humano.

Entretanto, pouco se sabe sobre a visão de professores que atuam nesse nível de ensino sobre a temática. Sendo assim, essa pesquisa visa compreender como professores dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental percebem a afetividade no contexto de aprendizagem de seus alunos.

Para tanto, a seguir são apresentados: o papel da afetividade no processo de ensino-aprendizagem, as relações históricas de afetividade e o seu conceito atual. Relativo à pesquisa de campo, apresenta-se um questionário referente à temática aplicado com cinco professores que atuam nos anos iniciais de uma cidade no interior do Paraná.

2 RELAÇÕES HISTÓRICAS DE AFETIVIDADE

A concepção de afeto é bastante ampla. Para se falar dela, é necessária uma incursão aos domínios da História, Filosofia, Psicanálise e, também, da Literatura.

Ao fazermos uma breve análise destas concepções filosóficas, podemos dizer que elas permanecem vivas até os dias atuais, muitas vezes em situações cotidianas, quando ouvimos frases semelhantes a: "Não aja com o coração", "Seja mais racional", entre outras. Assim, chegamos à conclusão de que, para obter melhores resultados em suas ações cotidianas, o indivíduo deve se desvincular dos próprios sentimentos e emoções, controlando ou anulando a dimensão afetiva (VELHO, 2004).

Devido à dificuldade em estudar estes aspectos de forma integrada, tal separação parece conduzir a uma concepção distorcida da realidade, com reflexos no modelo educacional vigente. Conforme Arantes (2002), os estudiosos e filósofos (Platão, Descartes, Kant, entre outros) ao centrarem seus estudos apenas nos comportamentos externos dos sujeitos e em supostas dicotomias entre razão e emoção, relegaram, a um segundo plano, experiências mais subjetivas, como a das emoções. Entretanto, os mesmos autores privilegiam os aspectos afetivos ou inconscientes nas explicações dos pensamentos humanos, dedicando um papel secundário aos aspectos cognitivos.

Na área educacional, o trajeto não é muito diferente. É comum, ainda hoje, no ambiente escolar, que os educadores trabalhem o processo de aprendizagem dividindo a criança em duas metades: a cognitiva e a afetiva (LOOS, 2007). É importante afirmar que este é um dos maiores enganos existentes na maioria das propostas educacionais da atualidade. Segundo Arantes (2003), o trabalho nesses moldes faz com que a práxis pedagógica seja fria, desprovida de sentimentos e pautada tão somente no ensino das matérias escolares clássicas.

A partir desta teoria, advinda da Filosofia, acredita-se que apenas o pensamento resulta em ações racionais e inteligentes, privilegiando o pensamento científico e lógico-matemático. Já os sentimentos são desnecessários, não resultam em nenhuma espécie de conhecimento e podem provocar atitudes irracionais.

De acordo com as concepções de afetividade descritas anteriormente, que a afetividade é uma temática histórica. Partindo deste princípio, é importante conhecer algumas reflexões de teóricos que mencionaram em suas discussões a questão da afetividade e da moral. Entre estes teóricos que abordam a questão da afetividade, Comenius e Rousseau têm um papel de destaque.

Comenius (2002) refere-se ao cérebro na idade infantil como uma esponja, pronto a receber e absorver a mais diversa gama de estímulos, apreendendo rapidamente as informações às quais ele é exposto. Logo, o que é absorvido na primeira idade torna-

se importante para o resto da vida do homem. Nesse sentido, Comenius deixava clara a importância do homem aprender os fundamentos de uma sociedade, para dela usufruir de forma adequada sob juízos satisfatórios. Isto de uma forma que não causasse danos ou traumas no indivíduo.

A partir desta premissa, Comenius (2002) fala de uma educação escolar que, entre outras coisas, leve

os Estudantes sem dificuldades, sem enfado, sem gritos e pancadas, praticamente brincando e divertindo-se, aos mais elevados graus do saber. As escolas com um método mais eficaz, não só poderão manter-se em plena florescência como também melhorar indefinidamente (COMENIUS, 2002, p.109)

Já para Rousseau (1994), a criança deveria viver cada fase da infância plenamente, porque, segundo ele, até os 12 anos, o ser humano é apenas emoção e corpo, estando a razão ainda em formação. Segundo ele, o indivíduo viveria em liberdade, não desenfreada, mas no sentido de uma dependência em relação à oposição suscitada pelos adultos. Rousseau afirmava que o verdadeiro objetivo da educação era ensinar a criança a exercer a liberdade. **O aluno somente entraria na sociedade, quando a tendência para a socialização nele surgisse naturalmente após o desenvolvimento da razão.**

Rousseau era totalmente contrário à atitude impositiva de professores, ministrando aulas severamente, pois isto contribuiria para a formação de homens rigorosos e rudes. Acreditava, ao contrário, que os professores devessem se divertir com seus alunos, propondo atividades que os motivassem e incentivassem sua curiosidade. Rousseau (1994, p.23) chega a afirmar, assim, que “o aluno deve sobretudo ser amado [...]”.

3 CONCEITO ATUAL DE AFETIVIDADE

O trabalho docente é carregado de uma função social, pois, quando realizado competentemente, através de uma ação mediadora, oportuniza ao aluno relacionar os acontecimentos e situações a sua volta e buscar ações e atitudes que possam transformar o meio em que vive. Esse processo reflexivo organiza a dimensão afetiva do ser humano ao possibilitar a percepção de pertencer à realidade (BORBA; SPAZZIANI, 2007). Além de uma presença afetiva, a relação do adulto oferece à criança, modelos de referência e sentimento de segurança.

As reações emocionais provocadas pela afetividade envolvida nas relações sociais influenciam as formas de comportamento infantil em todos os momentos de um processo de educação. Neste sentido, o exercício eficaz do pensamento somente será conseguido se as atividades desenvolvidas forem emocionalmente carregadas de significados (PULASKI, 1986).

Um fato sintetizado sob uma base permeada pela emoção é recordado e expressado de forma mais sólida, firme e significativa ao longo da construção de conhecimentos. Segundo Piletti (1988, p. 24), “no decorrer de sua vida diária, o aluno sofre uma série de influências que vão ter repercussões, negativas ou positivas, em seu trabalho escolar”. O contato com a mãe, garantindo à criança uma condição de comunicar-se com o meio, é gradualmente substituído pelas novas relações sociais

comumente estabelecidas nas instituições educativas e sobre as quais a criança concebe a qualidade de suas comunicações.

Dessa forma, a qualidade da relação professor-aluno num processo pedagógico confere, ao objeto a conhecer, um sentido afetivo, a partir da forma com que se realizam essas experiências de aprendizagem. Na medida em que a criança se desenvolve, as necessidades afetivas se deslocam do plano fisiológico para o plano cognitivo. Assim, conforme coloca Tassoni (2000, p.14), “mesmo mantendo-se o contato corporal como forma de carinho, falar da capacidade do aluno, elogiar o seu trabalho, reconhecer seu esforço, constitui-se formas cognitivas de vinculação afetiva”.

Neste contexto, a linguagem enquanto diálogo mútuo é a ponte entre o adulto e a criança, que já dispõe de funções representativas e de capacidade de abstração e reflexão de ideias e conceitos simples. As relações afetivas permeadas por cargas afetivas positivas marcam o processo de aquisição do objeto do conhecimento contribuindo também à construção da autonomia à medida que possibilita a confiança dos alunos no professor, em suas capacidades e decisões (BRANDEN, 1998).

A compreensão do mundo é fundamental para que se possa estar nele. Essa apreensão do real, instrumentalizada pela sensibilidade e reflexão, só é possível com a realização de um pensar, sentir, imaginar e agir no próprio campo do real. Refletir esse processo, é compreender que a vida afetiva - emoções e sentimentos - compõe o homem e constitui um aspecto de fundamental importância na vida psíquica.

As emoções e sentimentos são como alimentos de nosso psiquismo e estão presentes em todas as manifestações de nossa vida. Precisamos deles porque “orientam-nos e nos ajudam nas decisões” (BOCK; FURTADO; TEIXEIRA, 1999, p. 198). Sob o mesmo ponto de vista Vayer (1989), afirma que, a relação intrínseca entre os objetivos sócio-afetivos e cognitivos da educação requer um contexto de relações adulto-criança permeadas pelo respeito recíproco, pela afeição e pela confiança garantindo à criança um ambiente favorável ao seu desenvolvimento intelectual e moral.

A integração da afetividade e inteligência permite aos indivíduos atingir níveis de evolução cada vez mais complexos. Essa integração entre afeto e cognição é o que fundamenta o entendimento de um desenvolvimento integral do ser humano. No trabalho educativo cotidiano não existe separação entre o pensar e o agir, pois, os sujeitos ali envolvidos não se desapropriam de aspectos afetivos que compõem sua personalidade ao entrar na sala de aula (BORBA; SPAZZIANI, 2007). Além das necessidades cognitivas trazidas pelos alunos existem também as necessidades afetivas muitas vezes não satisfeitas e compreendidas no ambiente familiar. O papel do educador é compreender essas necessidades individuais e afetivas para a vida de sentimentos humanos.

A ternura, o amor, o respeito, o desejo, são aspectos irrelevantes a essas necessidades (BRANDEN, 1998). A estrutura familiar influencia o desenvolvimento em vários aspectos e um deles é na vida escolar. Uma aprendizagem significativa inicia-se com as relações sociais, que são aspectos importantes do desenvolvimento humano. Quando se trata de atividades escolares, podemos elencar que para a criança algo se torna significativo quando há reflexão sobre a relação com seu cotidiano.

Contudo, o professor terá que ter plena consciência da influência que exerce sobre a criança ao desenvolver hábitos, estimulando-a a ter sua própria independência. Nessa mesma perspectiva a criança adquire segurança tendo o professor como modelo ou suporte na compreensão de suas atitudes.

As crianças precisam de modelos com os quais possam se identificar. [...] Para ajudar a pensarem por si mesmas, a caminharem em direção a tornarem-se independentes, desembaraçadas, auto-suficientes, devemos perguntar a nós mesmos: [...] – Estou sendo para as crianças um modelo de pessoa que questiona constantemente, que sempre está buscando respostas mais apropriadas, que está mais interessada no diálogo e na descoberta do que na memorização dos fatos? [...] (LIPMAN; SHARP; OSCANYAN, *apud* DANIEL, 2000, p.740).

Segundo Macedo (2005), a curiosidade pode ser entendida como uma das características naturais da criança e é manifestada em níveis crescentes a cada fase de seu desenvolvimento. Apresentar para a criança a complexidade da vida atual permite o processamento dessa novidade que está sendo apresentada como um estímulo para novas descobertas ou curiosidades tornando-a capaz de crescer individualmente e socialmente.

A prática docente está desta forma permeada por responsabilidades, compromisso, senso crítico e autoconsciência. Além disso, o educador deve ter, subjetivamente, vocação e prazer por ensinar. Sua prática educativa deve, antes de tudo, ser uma extensão de seus princípios e valores éticos. Pode-se concluir que, a ampliação do ambiente social configurada pela escola e o surgimento de novas situações e outras realidades faz com que a criança viva em constante estado de curiosidade exigindo do professor o suprimento dessas necessidades.

Uma das tarefas essenciais da escola como centro de produção sistemática de conhecimento, é trabalhar criticamente a inteligibilidade das coisas e dos fatos e a sua comunicabilidade. É imprescindível, portanto, que a escola instigue constantemente a curiosidade do educando em vez de “amaciá-la” ou “domesticá-la” (FREIRE, 1996, p. 123-124).

Quando se refere à inteligência ou à capacidade cognitiva do ser humano, quase sempre surge a indagação sobre a capacidade de aprendizagem do indivíduo diante de um determinado objeto do conhecimento. Esta capacidade de aprender é em parte determinada pelo modo como são apresentados os conhecimentos e pelo seu significado afetivo.

A inter-relação entre pensamento e ação caracteriza todas as realizações humanas, assim, como diz Pulaski, (1986, p. 27), “as operações mentais, emergem de ações motoras e experiências sensoriais que são interiorizadas” pelas crianças. Desta forma, num processo educativo deve-se buscar uma ação ou uma práxis reflexiva possibilitando não a repetição e memorização, mas uma mudança de atitudes que implica em considerar as trocas afetivas na interação cotidiana.

A individualidade da criança deve ser observada e respeitada uma vez que, existem diferenças nos ritmos e mecanismos de aprendizagens por elas criados. A exigência na padronização de resultados faz com que a escola desrespeite a singularidade humana (RESTREPO, 1998). Sob o mesmo ponto de vista, Rego (2005, p. 60), ao realizar estudos sobre os escritos de Vigotski, acrescenta que, “a singularidade de cada indivíduo não resulta de fatores isolados (por exemplo, exclusivamente da educação familiar recebida, do contexto sóciopolítico da época em que viveu, da classe social a que pertence, etc.), mas, da multiplicidade de influências que recaem sobre o sujeito no curso de seu desenvolvimento”.

Desta forma, uma aprendizagem significativa envolve muito mais a forma de ensinar estabelecida e construída pelo professor do que o próprio conteúdo. O educador deve atrair seus alunos pelo próprio prazer demonstrado ao ensinar, fornecendo-lhes

elementos afetivos para que eles saibam conviver e resolver as mais diversas situações do dia-a-dia e tirar delas conhecimentos significativos por toda a vida.

4 METODOLOGIA

Embora o tema afetividade seja bastante discutido e defendido por autores e profissionais da educação, nota-se que nem sempre este é vivenciado nas instituições escolares. Como já citado, este trabalho visa compreender como professores dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental percebem a afetividade no contexto de aprendizagem de seus alunos.

Para essa investigação foi realizada uma pesquisa de campo de abordagem qualitativa, por meio de um questionário estruturado com 7 questões, aplicado numa amostra de 5 professores que atuam em salas de Ensino Fundamental I de uma escola da Rede Pública localizada na cidade de Joaquim Távora, no estado do Paraná.

A escola em questão foi escolhida por se tratar de uma escola modelo, com recursos e estrutura diferenciados e que possui condições favoráveis para desenvolver com qualidade o processo de ensino-aprendizagem. As questões que compõem o questionário foram elaboradas com o objetivo de investigar se as professoras participantes da pesquisa demonstram afeto para com seus alunos e se acreditam que tal sentimento colabora em seu processo de aprendizagem.

A análise dos dados foi realizada comparando as respostas entre si com o referencial teórico estudado.

5 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A apresentação dos resultados, a seguir, foi feita mediante as respostas de cada pergunta.

Tabela 1 - Descrição dos sujeitos

Professor	Idade	Form. Acadêmica	Tempo
P1	35	Pedagogia.	10 anos
P2	46	Magistério, pós em educação especial.	15 anos
P3	39	Magistério, pós em libras.	13 anos
P4	40	Pedagogia.	8 anos
P5	36	Pedagogia, pós em psicopedagogia.	12 anos

Fonte: Dados da pesquisa

Como podemos observar três professores tem faculdade de Pedagogia, outros dois possuem o Magistério. O tempo de atuação nos Anos iniciais do grupo pode ser considerado alto, sendo o menor oito anos e o maior tempo de atuação de quinze anos.

Tabela 2 - Sobre a definição de afetividade.

PROFESSOR	RESPOSTAS
P1	É muito importante a colaboração do afeto ao processo de alfabetização, o aluno que gosta da escola tem mais facilidade para aprender, o afeto leva a autoconfiança.
P2	Está relacionado com o saber que serão significativos ao longo da vida com base nas marcas da afetividade e amorosidade que possibilitarão ao aluno desenvolver sua autonomia.
P3	A afetividade consiste no diálogo, no amor, no respeito , enfim uma postura amigável.

P4	Ela depende da dimensão emocional e psicológica de uma pessoa.
P5	A afetividade é uma sensação de extrema importância para a saúde mental de todos os seres humanos por influenciar o desenvolvimento geral , o comportamento e o desenvolvimento cognitivo.

Fonte: Dados da pesquisa

Os professores P1, P2 e P5 atrelaram suas respostas à afetividade como um fator fundamental na construção cognitiva dos alunos. P1 considerou que gostar da escola traz facilidade no aprendizado, P2 ressaltou que os saberes com significados possuem alta carga afetiva e P5 descreveu que a afetividade possibilita o desenvolvimento cognitivo. Deste modo, as professoras trazem a presença do pensamento de Tassoni (2000), uma vez que consideram que o cognitivo, ao se vincular com o afetivo, possibilita a criação e produção de sentidos.

Já P3 e P4 trazem concepções diferentes sobre afetividade. Enquanto P3 relaciona as ações como elementos da afetividade – respeitar, dialogar, etc –, P4 atribui ao sujeito a afetividade, descrevendo que é uma dimensão psicológica do mesmo.

Tabela 3 - A relação entre afetividade e aprendizado, na visão dos professores.

PROFESSOR	RESPOSTAS
P1	A interação eleva a autoestima e da segurança ao aluno.
P2	Ela desperta no aluno o esforço e a interesse em aprender.
P3	Parte de uma boa comunicação entre professor e aluno, que implica em motivação por parte do professor, lançando situações desafiadoras para que haja envolvimento por parte do aluno, de forma que o mesmo cresça no desenvolvimento de valores e atitudes, podendo desenvolver também suas habilidades.
P4	A necessidade da relação entre a afetividade e as habilidades , pois a partir da existência da afetividade, as habilidades poderão ser desenvolvidas com maior êxito.
P5	-----

Fonte: Dados da pesquisa

Apenas P3 e P4 apontam para questões cognitivas envolvendo a afetividade. Ambas ressaltam a relação com as habilidades. Mas P3 aponta também o crescimento em valores e atitudes. Os valores aparecem novamente na fala de P1, ao descrever a afetividade como princípio para a autoestima e segurança. Já as atitudes são vistas, novamente, em P2, quando relaciona com o despertar do esforço e do interesse. Infelizmente, P5 deixou a resposta em branco.

Notamos, assim, que P3 possui uma visão ampla da inserção da afetividade no aprendizado. Assim, como propõe Zabala (2015), ela traz em seu discurso debates de desenvolvimento nas dimensões atitudinais, procedimentais e conceituais. Ou, conforme os estudos de Vayer (1989), a afetividade como mecanismo para criação de um ambiente propício para aprender.

Tabela 4 - Vínculos com seus alunos

Professor	Respostas
P1	Se não há afetividade o aprendizado se torna difícil, pois, nota-se que o professor deve estabelecer um bom relacionamento com seu aluno, a fim de que o mesmo sinta prazer em participar da aula, percebendo que aquilo que ele está aprendendo lhe será útil.
P2	O crescimento do aluno não se encontra somente na sua habilidade para fazer ou armazenar conhecimentos, mas na qualidade ou intensidade de seus ideais em relação ao meio em que vive . E este aprendizado não surge espontaneamente, precisa ser ensinado e cultivado pela escola.
P3	Acolhendo as diferenças , reconhecendo que cada estudante é único, aprende de uma

	forma diferente e vive em um contexto próprio.
P4	Conhecer as famílias de seus alunos, dialogar com elas e criar vínculos para fortalecer o seu desenvolvimento integral.
P5	Admitir que pode errar e aprender enquanto ensina , inclusive com seus alunos.

Fonte: Dados da pesquisa

Pelas respostas dos docentes nota-se que um ambiente afetivo propício para aprendizagem (VAYER, 1989) não é visto como algo nato, mas construído sócio cultural. Os mesmos apontam algumas atitudes a serem empreendidas: estabelecer bom relacionamento (P1), ensinar e cultivar afetividade (P2), acolher as diferenças (P3) e conhecer as famílias e dialogar com elas (P4).

A resposta de P5 nos chama atenção à pertinência da humanização docente no processo de ensino. Ela ressalta a necessidade de errar e aprender enquanto ensina (P5), parafrazeando Paulo Freire (1996). Seguindo essas ideias, acreditamos que somente na nossa incompletude podemos nos fazer transformadores de nós e de nossos alunos.

Tabela 5 - Problemas afetivos e o aprendizado dos alunos

Professor	Respostas
P1	Sim, pois ele não vai se concentrar durante a aula.
P2	Sim porque o aluno ira apresentar desânimo .
P3	Sim causam nervosismo, impulsividade, oposição, choro fácil, baixa tolerância à frustração, falta de iniciativa, apatia, isolamento social, dependência, e imaturidade .
P4	o aluno é mais contido e tímido , aparentando desânimo e desmotivação .
P5	Sim, tem o costume de ficar sozinho .

Fonte: Dados da pesquisa

Todos os professores consideraram os problemas efetivos como condutores de problemas dentro da sala de aula. Elas os relacionam com: concentração (P1); nervosismo, impulsividade, oposição, choro fácil, baixa tolerância à frustração, falta de iniciativa, apatia, isolamento social, dependência e imaturidade (P3); desânimo (P2 e P4) e solidão (P5).

Tabela 6 - Boa mediação entre aluno e conhecimento

Professor	Respostas
P1	Diálogo, trocas de experiências , respeito, proximidade, elogios e atenção.
P2	Um bom relacionamento, respeitar os limites de cada um, apoiar frente aos desafios e dificuldades.
P3	Ser compreensivo com o aluno, dialogar sobre seus problemas trocando vivências.
P4	-----
P5	Estabelecer uma relação mais igualitária e dialógica com seus alunos, reconhecendo seus saberes e legitimando a sua capacidade de contribuição com seu próprio processo de desenvolvimento.

Fonte: Dados da pesquisa

As professoras, em sua maioria (P1, P3 e P4), apontaram o diálogo como o principal mecanismo afetivo de mediação com alunos. Já P2 apontou o respeito aos limites e P5 não respondeu a questão.

Percebe-se que as professoras compreendem que a constituição de um espaço favorável e afetivo de aprendizado perpassa uma comunicação dialógica e igualitária (GONÇALVES, 1999), em que seja possível criar um espaço de intervenção e pontos comuns para o trabalho coletivo do grupo.

Tabela 7 - Relação entre autoridade e afetividade

Professor	Respostas
P1	É essencial pois garante o respeito.
P2	O professor que não expresse em seus comportamentos as atitudes que deseja formar nos alunos , não poderá esperar alcançar os objetivos visados.
P3	Passam por uma expressão de amor que deve estar baseada no equilíbrio e na compreensão , onde o papel do professor é atender seus alunos com manifestações de afeto sem abrir mão dos limites necessários para que se construa uma dinâmica de respeito a todos que interagem neste grupo.
P4	Cada aluno tem a sua personalidade, e este fator deve ser levado em consideração. Não podemos trabalhar com uma turma sem saber lidar com as diferenças de cada indivíduo.
P5	Na relação pedagógica, o professor precisa ter firmeza para poder se integrar , para que em alguns momentos, também, se necessário, deslinde situações conflitantes que atrapalham o relacionamento, sem a necessidade de se mostrar superior; pelo contrário, mantendo-se em condições de dialogar , transformando a situação conflituosa em participação ativa e coletiva .

Fonte: Dados da pesquisa

Todos os professores caracterizaram que a autoridade não consiste em elemento contrário a afetividade. Eles a veem como: essencial (P1), exemplo de ação pelo professor (P2), expressão de amor (P3), mecanismos para lidar com as diferenças (P4) e com os conflitos (P5).

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da revisão bibliográfica e da pesquisa de campo, pode-se observar que afetividade e aprendizagem caminham juntas, uma interferindo na outra. As análises dos dados obtidos na pesquisa confirmaram a importância do vínculo afetivo na relação professor-aluno e por meio das respostas dadas pelas professoras pode-se observar que elas reconhecem a relevância da afetividade no processo educacional fazendo uso desse sentimento em sua prática de sala de aula. Ainda por meio das respostas dadas percebeu-se que as professoras participantes buscam maneiras de criar vínculos afetivos com seus alunos acreditando que, tal atitude seja facilitadora no seu processo de aprendizagem.

Cabe aqui ressaltar que embora a amostra utilizada tenha sido pequena, permitiu notar que teoria e prática docente estão de acordo em relação à relevância da afetividade para o desenvolvimento cognitivo da criança, mais especificamente em seu processo de aprendizagem.

7 REFERÊNCIAS

ARANTES, Valéria A. (Org.). **Afetividade na escola: alternativas teóricas e práticas**. São Paulo: Summus, 2003.

_____. Afetividade e Cognição: Rompendo a Dicotomia na educação. **Videtur**, n. 23, 2002.

BORBA, V. R. S.; SPAZZIANI, M, L. **Afetividade no Contexto da Educação Infantil**. Ribeirão Preto, 2007. Disponível em: <http://www.anped.org.br/reunioes/30ra/trabalhos>. Acesso em: 27 abr.2019.

BOCK, A. M. B.; FURTADO, O.; TEIXEIRA, M. L. T. **Psicologias: Uma Introdução ao Estudo de Psicologias**. São Paulo: Saraiva, 1999.

BRANDEN, N. **Auto-estima e os seus seis pilares**. São Paulo: Saraiva,1998.

COMENIUS, Joan. Amós. **Didática magna**. 2002.

DANIEL, M. **A Filosofia e as Crianças**. São Paulo: Nova Alexandria, 2000.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GONÇALVES, Maria Augusta Salin. Teoria da ação comunicativa de Habermas: possibilidades de uma ação educativa de cunho interdisciplinar na escola. **Educação & Sociedade**, v. 20, n. 66, p. 125-140, 1999.

MACEDO, L. de. O ancestral do humano e o futuro da humanidade. **Viver mente & cérebro**. São Paulo: Segmento-Duetto, v.1, n.1, p.06-23, 2005.

LOOS, Helga et al. Cognição, afeto e desenvolvimento humano: a emoção de viver e a razão de existir. **Educar em revista**, 2007.

PILETTI, N. **Psicologia Educacional**. São Paulo: Ática, 1988.

PULASKI, M. A. S. **Compreendendo Piaget. Uma Introdução ao Desenvolvimento Cognitivo da Criança**. Rio de Janeiro: LTC, 1986.

REGO, T. C. Ensino e Constituição do Sujeito. **Viver mente & cérebro**. São Paulo: Segmento-Duetto, v.2, n.2, p.58-67, 2005.

RESTREPO, L. C.. **O Direito à Ternura**. Petrópolis: Vozes, 1998.

ROUSSEAU, Jean Jacques. **Projeto para a educação do Senhor de Sainte-Marie**. Edição bilíngüe. Paraula, 1994.

TASSONI, E. C. M.; **Afetividade e aprendizagem: a relação professor-aluno**. Campinas, 2000. Disponível em: <http://www.anped.org.br/reunioes/23/textos /2019t>. Acesso em: 27 abr.2019.

VAYER, P. **O Diálogo Corporal. A ação educativa para a criança de 2 a 5 anos**. Brasil: Manole, 1989.

VELHO, Gilberto. **Individualismo e cultura: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea**. Zahar, 2004.

ZABALA, Antoni. **A prática educativa: como ensinar.** Penso Editora, 2015.